

O diálogo católico-pentecostal: entrevista com Gedeon Freire de Alencar e apontamentos à luz do papa Francisco

The catholic-pentecostal dialogue: interview with Gedeon Freire de Alencar and appointments in the light of pope Francis

André Luís da Rosa¹

Resumo

O presente artigo se compõe, num primeiro momento, de uma entrevista sobre a Igreja católica e as assembleias de Deus, realizada com Gedeon Freire de Alencar. No segundo momento, realiza-se uma breve reflexão sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil, o principal desafio do movimento ecumênico neste país. As denominações pentecostais brasileiras apresentam-se como as mais antiecumênicas da América Latina. E as principais configurações do catolicismo no Brasil possuem dificuldades no diálogo com os pentecostais. Todavia, para que o movimento ecumênico cumpra sua vocação, deve refletir sobre este quadro religioso, encontrando meios de aproximação.

Palavras-chave

Igreja católica. Assembleias de Deus. Ecumenismo. Diálogo católico-pentecostal. Papa Francisco.

Abstract

This present article consists in a first moment of an interview about Catholic Church and the assemblies of God, made with Gedeon Freire de Alencar. At second moment, it happens a brew reflection about catholic-pentecostal dialog in the Brazil, the main challenge of this moment in this country. The brazilian pentecostals denomination show themselves os the most anti-ecumenicals of Latin America. And the mais settings of catholicism in Brazil are having dialog difficulties with the pentecostal. However, for the ecumenic moviment its vocation fulfills must refect about this religious scene finding ways to bring together.

Keywords

Catholic Church. Assembleis of God. Ecumenism. Catholic-pentecostal dialogue. Pope Francis.

INTRODUÇÃO

Muito se tem pesquisado sobre o fenômeno do pentecostalismo no Brasil, devido a sua inquestionável relevância no quadro religioso nacional. Dentre as suas diversas perspectivas de análise, quando se investiga a relação entre o pentecostalismo e o catolicismo, a ênfase recai apenas no que diz respeito à disputa entre estes dois grupos. Recentemente, novas perspectivas começaram a abrir-se neste horizonte de reflexão. Na área da Teologia tem-se buscado encontrar os pontos em comum que podem possibilitar o diálogo entre o catolicismo e o

¹ Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Especialista em Ciências da Religião pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Licenciado em Ensino Religioso pela Faculdade Paulista São José (FPSJ). Bacharel em Filosofia pela Faculdade São Luiz. Contato: andrelarosa@hotmail.com.

pentecostalismo. Nas Ciências das Religiões, a atenção recai sobre a análise crítica das recentes organizações de eventos ecumênicos que reúnem católicos e pentecostais. Todavia, os estudos sobre o diálogo católico-pentecostal no Brasil são ainda muito dispersos. Os encontramos apenas em artigos, capítulos de livros e pequenos comentários dentro de obras sobre ecumenismo. Os principais nomes brasileiros que têm pesquisado e publicado sobre o assunto são o cientista da religião Gedeon Freire de Alencar e o teólogo padre Marcial Maçaneiro, mas ainda não há uma obra sistemática sobre a questão.

Para motivar a pesquisa sobre a temática, no primeiro momento, realizou-se uma entrevista com Gedeon Freire da Alencar. Na entrevista, foi tomada como referência a Igreja pentecostal Assembleia de Deus. E, no segundo momento, apresenta-se uma breve reflexão sobre o diálogo entre o catolicismo e o pentecostalismo de modo geral na realidade brasileira, apresentando algumas dificuldades para a aplicação deste diálogo e, encerra-se com as perspectivas que estão sendo abertas no ministério do papa Francisco para uma nova relação entre o pentecostalismo e a Igreja católica. Ele pode ser tomado como um exemplo da busca de diálogo entre católicos e pentecostais, por ter sido o primeiro papa a visitar uma Igreja pentecostal e pedido perdão aos pentecostais pela perseguição cometida pelos católicos.

1 ENTREVISTA COM GEDEON FREIRE DE ALENCAR²

André: Dr. Gedeon, as duas principais convenções das assembleias de Deus no Brasil – a CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil) e a CONAMAD (Convenção Nacional das Assembleias de Deus Madureira) – possuem como norma, em seus estatutos, a proibição da participação de pastores assembleianos em organismos ecumênicos. A partir de seus estudos, quais as principais dificuldades das assembleias de Deus para uma abertura ecumênica, principalmente com o catolicismo?

Gedeon: Essa é uma longa história para a qual eu tenho no momento algumas hipóteses, pois ainda estou fazendo a pesquisa. Primeiro, as ADs, por sua origem sueca, são caracterizadas por um anarquismo institucional extremo. Os suecos são batistas, de uma Igreja batista que foi desligada (ou excluída) da Aliança Batista Sueca, portanto, todo e qualquer tipo de institucionalização era rejeitado. São membros, e falam com orgulho, de uma ‘igreja livre’, portanto, contra a organização formal de convenção e denominação, pois eram vítimas da perseguição da igreja estatal, no caso, da Igreja Luterana. Algo que trabalhei em minha tese de doutorado. Segundo, foi recorrente a perseguição sofrida dos evangélicos, em geral pela Igreja católica, que deixou de ser religião oficial na República, mas continua oficiosa até hoje. A catedral na Esplanada dos Ministérios em Brasília significa o quê? Terceiro, as relações ecumênicas privilegiaram as denominações tradicionais com suas similares europeias e americanas – e nunca deram a mínima importância para os pentecostais, quando eles eram pequenos e pobres. Os ecumênicos e a Igreja católica não precisavam dos pentecostais e das ADs. Agora, os pentecostais e as ADs são grandes, os maiores, ricos e poderosos, e, os ecumênicos poucos e ‘perdendo a guerra’. O jogo se inverteu. Agora os ‘vencedores’ repetem o comportamento: rejeitam e esnobam os demais.

André: Até o ano de 1917, o Código de Direito Canônico proibia explicitamente o diálogo dos fieis católicos com membros de outras igrejas. Após o Concílio Vaticano II, a Igreja católica abriu-se ao mundo moderno e ao diálogo ecumênico e inter-religioso. O senhor afirmou que, mesmo assim, a Igreja católica no ecumenismo é “passinho pra frente, passinho pra trás”,

² Entrevista realizada em janeiro de 2016.

especialmente em relação aos pentecostais. Em sua visão, quais as principais barreiras do catolicismo para o diálogo com os pentecostais?

Gedeon: Não somente até 1917, em um dos documentos do Vaticano II, *Unitatis redintegratio* (1964), onde se trata do ecumenismo, diz que a ‘plenitude dos bens de salvação reside somente na Igreja católica’. E Bento XVI, nos anos 2000, no texto da *Dominus Iesus*, repete a ideia da primazia e exclusividade da Igreja católica. Pelo lado pentecostal e das ADs, também deve se lembrar, não há oficialmente nenhum interesse de contato e relação.

André: Quais as principais consequências da indiferença católico-assembleiana na esfera pública?

Gedeon: Tivemos, a meu ver, três etapas na relação: 1) beligerância oficial: no século XIX e início do XX, quando padres e cia apedrejavam cultos e mandavam o delegado prender os crentes; eu vi isso na minha infância; 2) animosidade branca: ainda hoje presente pela concorrência e ofensas; as igrejas evangélicas são sempre chamadas de seitas,³ com toda carga negativa da palavra, e a católica sempre chamada da ‘grande prostituta do Apocalipse’; 3) indiferença concorrencial: no presente, ambas são ricas, grandes e não precisam uma das outras. Na esfera pública, ironicamente, há alguns acordos políticos. A *Frente Parlamentar Evangélica* e a *Frente Parlamentar Católica*, em Brasília, têm pautas comuns. Lamento, não houve e não há no presente um projeto de benefício social, como por exemplo, a alfabetização, o enfrentamento da estiagem no nordeste, o combate à corrupção. Mas quando o assunto é algum tipo de moralismo (casamento de pessoas do mesmo sexo, criminalização do aborto), então os grupos religiosos se unem. Há diversos textos sobre essas questões.

André: O senhor afirmou que “as assembleias de Deus estão se catolicizando e a Igreja católica está se pentecostalizando”. Como se explica este fenômeno? Seria este um passo para o diálogo entre ambas?

Gedeon: Elas estão mais parecidas do que ambas gostariam de assumir, principalmente por meio de movimentos como a Renovação Carismática Católica (RCC), mas não sei se isto pode beneficiar o diálogo. A RCC tem todas as características do movimento pentecostal. Aliás, a RCC começou nos Estados Unidos a partir de grupos de oração e da leitura do livro do *A cruz e o punhal*, portanto, de influência óbvia pentecostal. Oração, cura, glossolalia, moralismo etc. São idênticos. Estou simplificando a análise, pois há muitas questões em debate. Por outro lado, nunca as ADs foram tão tradicionais e ‘católicas’ como agora. Agora temos bispos, catedral, uma ‘tradição assembleiana’ a zelar, um corpo de doutrinadores (um magistério). E muita riqueza física e simbólica a defender. Como elas se parecem cada vez mais, suas lutas internas, seus grupos de poder, seus próprios interesses internos, fazem delas cada vez mais autôcentradas.

André: O senhor classifica a Igreja Assembleia de Deus como a “matriz pentecostal brasileira”. O senhor considera que ao traçar um caminho de diálogo com as assembleias de Deus, a Igreja católica terá mais facilidade em dialogar com as outras igrejas pentecostais, ou, deve-se trilhar outro caminho para o diálogo com as demais instituições pentecostais?

Gedeon: Seria bom algum diálogo, alguma relação, no mínimo por civilidade, depois, pelo benefício que isso poderia trazer a sociedade. Sim, as ADs, a meu ver, são a matriz pentecostal brasileira, e assim sendo, estabeleceu um modelo. Esse *ethos* pentecostal militante, legalista, moralista, escatológico, endógeno, de alguma forma está presente nas demais instituições pentecostais. São cem anos de animosidade e indiferença. Talvez daqui a algumas décadas tenhamos alguma mudança, mas a curto prazo, lamento, não vejo como.

³ Nota do entrevistador: a partir dos anos 1980, as comissões pastorais da CNBB decidiram abandonar o termo “seita” e passaram a utilizar “novos movimentos religiosos”. Atualmente, nenhum documento oficial da CNBB faz uso deste termo.

André: Como o senhor avalia as plataformas de diálogo entre católicos e pentecostais já existentes no Brasil e no mundo? Quais as principais conquistas e desafios?

Gedeon: No Brasil, no momento, existe um movimento chamado Encontro de Cristãos em Busca de Unidade e Santidade (ENCRISTUS), envolvendo algumas igrejas pentecostais e alguns grupos católicos (RCC). É uma semente, mas diante da imensidão dos grupos majoritários, o ENCRISTUS é algo insignificante, pois ainda pequeno. Há, no âmbito internacional, a Comissão do Diálogo Vaticano-Pentecostal, uma iniciativa do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos, funcionando desde 1972, com a participação de diversos grupos pentecostais, mas até o momento nenhum pentecostal brasileiro. Minha crítica a Comissão Internacional de Diálogo Católico-Pentecostal (nos textos que já publiquei sobre o tema) é que o continente latino – o maior continente católico e o maior continente pentecostal – foi esquecido nessa comissão. Depois de 40 anos, na sexta e atual fase, temos o primeiro representante brasileiro, o padre Marcial Maçaneiro. Se há de fato algum interesse do Vaticano dialogar com os pentecostais, por que as lideranças pentecostais latinas não foram convidadas ao diálogo? Nessa comissão, já participaram mais de cem americanos e apenas oito latinos. O mais irônico é que as ADs no Brasil e demais grupos pentecostais sempre se referem ao ecumenismo e, direto ou indiretamente, a Igreja católica como uma ação do anticristo, a prostituta do Apocalipse; as tratativas ecumênicas seriam apenas uma estratégia diabólica para a dominação do anticristo. Mas, outros pentecostais, em outros países, não tem essa ‘doutrina’, inclusive, na Comissão Internacional de Diálogo Católico-Pentecostal 23 pastores assembleianos já participaram. Como brinco com amigos pastores assembleianos antiecumênicos, se o ecumenismo é ação do anticristo, esqueceram de avisar as ADs americanas. A demonização do ecumenismo vendida no Brasil (e em outros países) foi subproduto ‘teológico’ da Guerra Fria; a necessidade de satanizar o inimigo. Daí, o tema foi contaminado por uma luta de poder visceral entre entidades por razões ideológicas, financeiras e outras questões menos nobres. Mesquinhas institucionais. E ambos os grupos, então, para valorizar suas ‘razões’ manobram a teologia. Como dizia meu orientador no doutorado, Edim Abumanssur, “ideologia é a arte de torturar um argumento para se provar o que se quer”.

2 APONTAMENTOS SOBRE UM POSSÍVEL DIÁLOGO CATÓLICO-PENTECOSTAL NO BRASIL

Frente ao quadro sociológico apresentado por Gedeon Freire de Alencar, busca-se, agora, refletir a possibilidade de uma abertura do catolicismo brasileiro ao diálogo com os pentecostais. Apesar de a entrevista ser especificamente da relação com as Assembleias de Deus, elas são a matriz pentecostal brasileira, e a grande expressão do pentecostalismo clássico no Brasil, por isso, a partir de agora se usará o termo *pentecostalismo* ou *pentecostalismo clássico*, para designar as assembleias de Deus e todas as denominações pentecostais que assumem as características desta forma de pentecostalismo. Uma nota é essencial, pois há muita confusão no meio católico neste sentido: não estamos falando do neopentecostalismo, que possui como grandes características a teologia da confissão positiva, o exorcismo público e a teologia da prosperidade, cujas principais denominações brasileiras são a Universal do Reino de Deus, Mundial do Poder de Deus e Internacional da Graça de Deus.

Assim, o atual fenômeno do pentecostalismo exige que se pense de forma criativa e inclusiva, novos paradigmas para que o movimento ecumênico cumpra sua missão em plenitude, que é a unidade de todos os cristãos. No Brasil, o maior desafio para o ecumenismo trata-se do diálogo entre o pentecostalismo e o catolicismo, pois, no Concílio Vaticano II, quando se produziu o decreto *Unitatis redintegratio*, não se possuía consciência de que o

Caminhos de Diálogo, Curitiba, ano 6, n. 8, p. 19-30, jan./jun. 2018
22 ISSN 2595-8208

cenário cristão mundial sofreria uma drástica mudança, em um curto espaço de tempo, com a explosão do pentecostalismo. Quando o decreto foi elaborado, os padres conciliares tinham em mente apenas os cristãos ortodoxos e os oriundos da Reforma Protestante, sendo que, o pentecostalismo, apesar de ter surgido no início do século XX, começou a ganhar visibilidade e expressão apenas depois da II Guerra Mundial. Apesar de que, fato pouco conhecido, havia um observador pentecostal no Vaticano II, o africano Dr. David Du Plessis, um grande líder ecumênico.

Portanto, mesmo que o Vaticano II foi uma atualização pastoral para a Igreja católica, e o grande pentecostes do ecumenismo católico, faz-se necessário, neste seu cinquentenário, uma reatualização, uma contextualização da teologia ecumênica do catolicismo perante o fenômeno pentecostal, que traz novos desafios para a pastoral contemporânea. Neste processo de contextualização, é interessante levar em consideração que, hoje, após quinhentos anos da Reforma Protestante, depois de uma longa história de excomunhões e perseguições, o diálogo entre católicos e luteranos, por exemplo, já produziu frutos de reflexão e cooperação conjuntas. Porém, as atitudes de preconceitos e perseguições entre a Igreja católica e os pentecostais ainda é recente, e mais, atual, o que possui grande peso sobre um possível futuro ecumênico.

Também, um fato a ser considerado é que, as comissões bilaterais entre católicos e protestantes já desenvolveram diversos textos teológicos. Todavia, estes quase não possuem ressonância na vida da Igreja. Os documentos não encontram nenhuma receptividade na base, na vida concreta dos cristãos, que, logo, persistem em viver de modo preconceituoso e intolerante – ainda mais quando se trata dos documentos produzidos pela Comissão Internacional de Diálogo Católico-Pentecostal, que acontece no Vaticano desde 1972. No caso pentecostal, quanto à receptividade destes documentos, a situação complexifica-se, pois as denominações pentecostais brasileiras não estão representadas nesta comissão internacional, apenas podem assumi-los levando em consideração as linhas gerais de todo o pentecostalismo.

Levando em consideração a afirmação de Elias Wolff (2011, p. 404), de que “existe uma intrínseca relação entre Concílio Vaticano II e ecumenismo, o que permite afirmar que somente onde o Concílio foi assumido de modo efetivo é que o ecumenismo ganhou espaço no jeito de a Igreja católica ser e agir”, pode-se questionar em que medida as dioceses do Brasil tem assumido a proposta pastoral do Concílio Vaticano II, especialmente no que se refere ao ecumenismo? Infelizmente, em muitos casos, se pode constatar uma deficiência entre a teoria do Vaticano II e a prática pastoral na Igreja católica no Brasil. Se nem as autoridades constituídas (padres, bispos) assumiram o espírito do Vaticano II, como esperar da base do catolicismo atitudes ecumênicas? E, quando estas são postas em prática, será que é coerente com o espírito ecumênico o preconceito para com os pentecostais? Afinal, não se fazem presentes, ao menos no pentecostalismo clássico, os elementos essenciais da fé que são elencados na *Unitatis redintegratio*?

Há uma tendência de se caracterizar o pentecostalismo por meros estereótipos, como o falar em línguas, a oração entusiasmada, a sua musicalidade. Assim, reduzimos a análise do pentecostalismo aos dados fornecidos pelas ciências sociais de modo fenomenológico. Não compreendemos o que é o pentecostalismo em si mesmo. Pois, como analisa Gedeon Freire de Alencar:

ao longo dos séculos, foi realizada uma construção ideológica, exógena, simplista e invariavelmente estereotipada sobre o mundo oriental. [...] Algo semelhante aconteceu – e ainda se repete – com o fenômeno pentecostal, conquanto mais grave do que os preconceitos ideológicos e simplificações exóticas, são as hipóteses colocadas, dogmáticas e genericamente, sobre o assunto. (2008, p. 15).

Por isso, o universo católico e protestante histórico deve livrar-se de sua *pentecofobia*, e buscar clareza quanto à verdadeira identidade do pentecostalismo. A identidade pentecostal clássica não se trata de uma redução da fé à experiência do Espírito Santo, o pentecostalismo possui uma fé cristã integral, os elementos essenciais do cristianismo fazem-se nele presentes, e não há alteração das principais verdades da fé, todavia, sua diferença está na forma de vivenciá-la. Os pentecostais vivenciam sua fé cristã a partir da experiência do batismo no Espírito Santo. Eles vivenciam o cristianismo, impulsionados pela espiritualidade pneumática, com suas características próprias, como a oração espontânea, os carismas.

Assim, pode-se concluir que o grande desafio para um diálogo católico-pentecostal no Brasil não se encontra propriamente no campo teológico, mas nas rivalidades institucionais entre as duas tradições, fruto da perseguição, intolerância, proselitismo. Isto se constata na fala do sociólogo José Bittencourt Filho (1996, p. 235): “exceto no Brasil, o Pentecostalismo Clássico latino-americano sustém uma participação ativa no movimento ecumênico”. Esta declaração deve levar o movimento ecumênico brasileiro a questionar-se: se em outros países o pentecostalismo possui abertura para o ecumenismo, não seria possível reverter o quadro no Brasil?

2.1 Algumas dificuldades para o diálogo católico-pentecostal na realidade brasileira

Se, como vimos, teologicamente não há grandes barreiras para uma abertura ao diálogo ecumênico, cabe aqui uma breve análise desta questão frente ao quadro social religioso brasileiro, apontando algumas dificuldades para o diálogo entre católicos e pentecostais. Primeiramente, as principais configurações do catolicismo no Brasil apresentam dificuldades no diálogo com o pentecostalismo. O catolicismo carismático – a Renovação Carismática Católica – é o ramo do catolicismo que possui o maior potencial para dialogar com o pentecostalismo, pois teve uma origem ecumênica, em seu início promovia grupos de oração mistos e participava de grandes conferências ecumênicas com os pentecostais. Porém, a RCC, em seus primórdios,

sofreu grande desconfiança da hierarquia oficial da Igreja católica quanto a suas práticas ecumênicas, tendo que alinhar-se mais a vida da instituição católica. Neste processo de catolicização, a RCC tornou-se um movimento conservador, chegando hoje a ser considerada por cientistas da religião como um movimento intolerante, negando suas próprias origens.

Outra tendência da Igreja católica no Brasil, que tem crescido, é o catolicismo tradicionalista, esta configuração do catolicismo, apesar de sua principal bandeira ser a ‘obediência à Igreja e a sua tradição’, nega a teologia do Concílio Vaticano II, e ainda difundem a ideia de que os pentecostais são ‘hereges’, ‘negaram a verdadeira fé’, que ‘estão fora da barca de Pedro’ e por isso não vão se salvar. Apesar de seu discurso não ser o discurso oficial da Igreja católica, gera graves problemas nas relações ecumênicas. Também o catolicismo libertador possui dificuldades na relação com os pentecostais, pois este possui sua centralidade na espiritualidade e afastamento da dimensão social. A teologia da libertação criticou muito o pentecostalismo como sendo fruto de algum tipo de conspiração internacional destinada a impedir a ampliação da consciência crítica dos setores populares. Todavia, em uma análise com outra perspectiva, realizada por um dos mais conceituados teólogos da libertação, José Comblin afirma que:

o movimento pentecostal protestante foi e ainda é muito desprezado e caluniado. [...] Ora, há certamente elementos de grande valor espiritual nas experiências pentecostais de Igrejas como a Assembleia de Deus, a Congregação Cristã, O Brasil para Cristo e tantas outras denominações. Os pentecostais foram também considerados como alienados, alheios ao mundo, conservadores. Um exame mais atento e simpático mostra o exagero e até a gratuidade de tais acusações. O que acontece é que, na América Latina, pelo menos, as Igrejas pentecostais apresentam todos os sinais de uma cultura de pobres. Os que as julgam temerariamente pertencem geralmente à cultura ocidental dominante, marcada pela modernidade. (1987, p. 24).

Outra face da Igreja católica que se pode elencar é a do catolicismo popular. A dificuldade deste setor em dialogar com os pentecostais está em que se evidencia pouco em sua prática de fé as verdades fundamentais da fé cristã, muitas vezes, por falta de orientação teológico-pastoral, a vida espiritual destes fiéis se reduz a devoção a Maria e aos santos, fazendo-se pouco uso da Palavra de Deus e pouca referência à fé trinitária e cristológica. As principais críticas do pentecostalismo ao catolicismo estão direcionadas a esta forma de vivência da fé católica. Por fim, encontram-se dificuldades para um diálogo católico-pentecostal no catolicismo social ou nominal, que se trata daqueles que se denominam católicos, mas vivem sua fé apenas de forma social, na busca dos sacramentos do batismo e do matrimônio, por exemplo. O número daqueles que vivenciam o catolicismo desta forma é desconhecido, porém, pela prática pastoral, parece ser bem expressivo. São católicos apenas por cultura, tradição, não assumiram verdadeiramente a fé, e, por isso, não buscam a plenitude da vida cristã. Estes, por não viverem autenticamente sua fé, apresentam aos pentecostais a imagem de um catolicismo descomprometido, pouco espiritual, sem busca dos valores cristãos.

Quanto à configuração pentecostal no Brasil e sua dificuldade de relacionar-se com a Igreja católica, um dos principais motivos do fechamento do pentecostalismo ao catolicismo no Brasil, está em que, eles formaram sua identidade no afastamento deste, pois a grande maioria dos membros das igrejas pentecostais no país provém do catolicismo. Assim, ao se converter ao pentecostalismo, a nova identidade religiosa se constrói a partir da contraposição, da negação da antiga instituição religiosa (no caso, o catolicismo), passando a enxergá-la como ‘demoníaca’, como um ‘paganismo’, como ‘falsa’, pois agora encontrou a verdade. Diferente dos Estados Unidos, onde os pentecostais surgiram do movimento de santidade da Igreja Metodista, por isso não desenvolveram uma drástica aversão ao catolicismo e até possuem organismos ecumênicos. Com a grande demanda de católicos acorrendo às igrejas pentecostais, o catolicismo no Brasil sentiu-se ameaçado, passando a acusar os pentecostais como ‘os falsos profetas que estão desviando as ovelhas da verdadeira Igreja’, violência que não parou na dimensão simbólica, mas se chegou à agressão física. Enfim, as mágoas entre católicos e pentecostais no Brasil são imensas. Praticamente, todos os fiéis cristãos em nossa sociedade sabem em que se confrontam os católicos e os pentecostais.

Além disto, podem-se elencar ainda dois elementos do pentecostalismo que dificultam sua abertura ao ecumenismo. Primeiro, o pentecostalismo possui pouca densidade institucional, sua fragmentação é constante, não por causas teológicas, pois a doutrina permanece praticamente a mesma, trata-se apenas de divisão institucional. Cria-se uma nova denominação ou ministério, mas a teologia é a mesma. Assim, não há uma liderança a qual se possa recorrer para um diálogo oficial. O ecumenismo que acontece com os pentecostais é sempre com pequenos grupos, nunca com sua totalidade. Para uma maior abertura do pentecostalismo ao ecumenismo, faz-se necessária uma maior unidade entre as próprias denominações pentecostais, como se constata na provocação do presbítero e teólogo da Assembleia de Deus, Adriano Lima: “após seu primeiro centenário, os pentecostais podem declarar, se vieram para competir no mercado da fé ou para unir-se ao testemunho comum da mensagem de Cristo e prestar um serviço a toda a sociedade brasileira.” (2015, p. 52).

Em segundo lugar, os pentecostais possuem uma teologia pouco sistematizada; grande dificuldade para o ecumenismo, pois não há como apresentar concretamente sua identidade e doutrina. Dado este que tende a ser superado em breve, pois o pentecostalismo está cada vez mais aberto à vida acadêmica, desenvolvendo seu corpo teológico. Assim, quanto mais o pentecostalismo firmar sua teologia e solidificar sua identidade, haverá mais possibilidades para o diálogo, pois o pentecostalismo poderá apresentar seus pressupostos com mais clareza e objetividade. Também, quanto mais os pentecostais abrirem-se a vida acadêmica e ao diálogo com as ciências, superarão fundamentalismos e passarão de uma identidade fixa, dogmática, autoritária para uma identidade aberta, dialógica, capaz de dar-se a conhecer e a aprender com as outras igrejas, religiões e movimentos sociais.

2.2 Por uma cultura do encontro: também com os pentecostais? Os novos caminhos ecumênicos abertos pelo papa Francisco

Diante destes desafios da configuração do catolicismo e do pentecostalismo no Brasil, segundo Gabriele Cipriani, que foi por dez anos assessor de ecumenismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), eles “obrigam a refletir sobre a necessidade da reconfiguração do movimento ecumênico no Brasil. [...] A CNBB com certeza sente a responsabilidade destes desafios” (2013, p. 87). Porém, não se pode esquecer que, como enfatizado por Gedeon Freire de Alencar, a Igreja católica nunca deu a mínima para os pentecostais. O setor de ecumenismo da CNBB realizou o primeiro seminário sobre o tema, com título *A Igreja católica diante do pluralismo religioso no Brasil*, em janeiro de 1991, não com um intuito ecumênico ou para estabelecer alguma relação de amizade e caminhada fraterna; os pentecostalismos entraram na pauta como problema (ALENCAR, 2015, p. 122-123).

Todavia, uma nova página pode ser iniciada no Brasil, inspirada no testemunho e ensinamentos do papa Francisco, o promotor da cultura do encontro, que também inclui em sua agenda os pentecostais. Com ele, a Igreja católica vive um momento de intensas expectativas por reforma, e o ecumenismo tem ganhado um novo impulso. Ele é o primeiro papa inteiramente pós-conciliar, pois não participou do concílio. O que, talvez, segundo Wolff (2015, p. 88), sem ressonâncias emocionais de apego ao passado, o faça livre para assumir o programa eclesial do Vaticano II. Ele constantemente fala de renovação na Igreja católica, especialmente na hierarquia, de diálogo, acolhida, misericórdia. Consequentemente, em sua primeira exortação apostólica publicada, *Evangelii gaudium*, uma nova linguagem já foi empregada: ele não chama mais os outros cristãos de irmãos separados, mas apenas irmãos; e não se apela para a concepção de que a Igreja católica é a única Igreja de Cristo, mas que deve-se aprender com as igrejas

Se nos concentrarmos nas convicções que nos unem e recordarmos o princípio da hierarquia das verdades, poderemos caminhar decididamente para formas comuns de anúncio, de serviço e de testemunho. [O ecumenismo não] se trata apenas de receber informações sobre os outros para os conhecermos melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós. (EG 246).

Assim, o papa Francisco coloca o ecumenismo em uma perspectiva pneumática, o ecumenismo é recolher os dons que o Espírito semeou nas igrejas. Com seu testemunho, Francisco também reconhece os dons que o Espírito semeou nas igrejas pentecostais, ampliando os caminhos para o diálogo ecumênico. Como cardeal, Bergoglio era orientador de uma plataforma de diálogo católico-pentecostal na Argentina, a *Comunión Renovada de Evangélicos y Católicos en el Espíritu Santo* (CRECES). Como papa, em janeiro de 2014, Francisco gravou uma videomensagem para o encontro de pastores e líderes pentecostais do Texas, Estados Unidos, presidido por Kenneth Coperland, na qual afirmou que o Senhor concluirá a obra da

unidade entre os cristãos, e que o milagre da unidade foi iniciado e o Senhor irá concluí-lo.⁴ Também no dia 28 de julho, do mesmo ano, Francisco foi o primeiro papa a visitar uma Igreja pentecostal, a Igreja Pentecostal da Reconciliação, do pastor Giovanni Traettino, em Nápoles, na Itália. Nesta ocasião, pediu para os cristãos unirem-se na diversidade: “o Espírito Santo faz a diversidade na Igreja e essa diversidade é tão rica, muito bonita; mas, depois, o próprio Espírito Santo faz a unidade. E assim a Igreja é una na diversidade”.⁵ E, no dia 7 de maio de 2015, cerca de 100 pastores pentecostais de diversas regiões do mundo reuniram-se no Vaticano com o papa Francisco, onde, historicamente, ele afirmou: “entre as pessoas que perseguiram os pentecostais também houve católicos [...]. Eu sou o pastor dos católicos e peço perdão por aqueles irmãos e irmãs católicos que não compreenderam e foram tentados pelo diabo.”⁶

Outro marco histórico importante do papa Francisco que teve uma repercussão muito positiva para o diálogo com os pentecostais, foi o seu discurso na 37ª Convocação da Renovação no Espírito, na Itália, no dia 1º de junho de 2014, no qual ele proferiu o que esperava da RCC quanto ao ecumenismo, sendo que os membros da RCC e de comunidades carismáticas são os que têm tomado a frente no ecumenismo espiritual com os pentecostais:

Espero de vocês uma evangelização com a Palavra de Deus que anuncia que Jesus está vivo e ama todas as pessoas. Que vocês deem um testemunho de ecumenismo espiritual com todos os irmãos e irmãs de outras Igrejas e comunidades cristãs que creem em Jesus como Senhor e Salvador. Que vocês permaneçam unidos no amor que o Senhor Jesus pede a todos os homens e na oração do Espírito Santo para chegar a esta unidade, que é necessária para a evangelização, em nome de Jesus. Lembrem-se de que a “Renovação Carismática é por sua própria natureza ecumênica... A Renovação Católica se alegra por aquilo que o Espírito Santo realiza em outras Igrejas” (1 Malines 5,3).⁷

Apenas para destacar a relevância deste pronunciamento do papa para o ecumenismo católico-pentecostal, neste encontro estavam presentes o missionário católico Matteo Calisi, uma das principais lideranças da Renovação no Espírito da Itália, e o pastor pentecostal Giovanni Traettino, da Igreja Pentecostal da Reconciliação, que foi a primeira Igreja pentecostal visitada por um papa na história, quando em 2015 Francisco lá esteve e até se pronunciou durante um culto da comunidade. Estes dois são os pioneiros do movimento de ecumenismo

⁴ GALVAN, Kelen. Bispo evangélico grava mensagem com papa Francisco. **Canção Nova**, 21 fev. 2014. Disponível em: <<http://papa.cancaonova.com/bispo-evangelico-grava-mensagem-com-papa-francisco/>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

⁵ ACI DIGITAL. Papa Francisco aos evangélicos pentecostais: estamos no caminho da unidade. **ACI Digital**, 29 jul. 2014. Disponível em: <<https://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-aos-evangelicos-pentecostais-estamos-no-caminho-da-unidade-96495>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

⁶ LOPES, Leiliane Roberta. Papa recebe pastores pentecostais no Vaticano. **Gospel Prime**, 12 maio 2015. Disponível em: <<https://noticias.gospelprime.com.br/papa-pastores-pentecostais-vaticano/>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

⁷ RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA BRASIL. Papa Francisco: A Renovação Carismática é uma corrente de graça para a Igreja. **Renovação Carismática Católica Brasil**, 2 jun. 2014. Disponível em: <<https://www.rcbrasil.org.br/espiritualidade-e-formacao/palavra-do-papa/1232-papa-francisco-a-renovacao-carismatica-e-uma-corrente-de-graca-para-a-igreja.html/>>. Acesso em 19 dez. 2015.

espiritual *Kairós*. Por isso, o papa Francisco, ao falar de ecumenismo no evento do movimento carismático católico da Itália, está apontando para a contribuição da RCC no diálogo com os pentecostais. No Brasil, o movimento ENCRISTUS possui como uma de suas inspirações o movimento *Kairós*, da Itália.

Assim, para que a cultura do encontro desejada pelo papa Francisco encarne-se na realidade brasileira, também no diálogo católico-pentecostal, é necessário manter as iniciativas já existentes e avançar em outros pontos. Hoje, a CNBB apoia o ENCRISTUS, que reúne católicos e pentecostais para a oração em comum, porém, como Gedeon Alencar ressaltou na entrevista, é ainda muito pequeno. São necessários outros passos, como, por exemplo, contextualizar os documentos da Comissão Internacional de Diálogo Católico-Pentecostal na realidade brasileira, e criar outros estudos a partir das problemáticas próprias de nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como sonhar, que, o movimento ecumênico chegue à sua plenitude, se não for também ao encontro dos pentecostais? Porém, precisa-se ter paciência histórica, respeitando os passos que o pentecostalismo tem dado desde seu surgimento. Primeiramente, deve-se compreender o que é o pentecostalismo, e, assim, a Igreja católica e todo o movimento ecumênico deve pensar em como apresentar o que realmente é o ecumenismo para os pentecostais, a partir de sua linguagem religiosa própria: a teologia pneumática, a experiência pentecostal do batismo no Espírito Santo. Nesse sentido, o papa Francisco apresenta-se como um exemplo da busca de diálogo entre católicos e pentecostais, por ter sido o primeiro papa a visitar uma Igreja pentecostal e pedido perdão aos pentecostais pela perseguição cometida pelos católicos.

Encerra-se, apresentando alguns sinais de que já podem indicar pequenos passos rumo ao sonho do ecumenismo católico-pentecostal no Brasil, como: a iniciativa de algumas comunidades de vida católicas ligadas à espiritualidade carismática que tem se aberto ao diálogo com os pentecostais em suas sedes, como a Comunidade Adorai, em Varginha, Minas Gerais, e, no Rio de Janeiro, a Comunidade Bom Pastor, a Comunidade de Jesus e a Comunidade Coração Novo; a participação de um brasileiro na Comissão Internacional de Diálogo Católico-Pentecostal, o padre Marcial Maçaneiro; a realização do Fórum Pentecostal Latino Americano e Caribenho no Brasil, em 2015, sobre o ecumenismo, com a publicação da obra *Pentecostalismo e unidade*; a publicação, no ano de 2015, da Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso, a *Caminhos de Diálogo*, que trouxe como dossiê o tema: *Pentecostalismo e ecumenismo: interpelações para o diálogo*; e, principalmente, a realização do ENCRISTUS, desde o ano de 2008. ✨

REFERÊNCIAS

ACI DIGITAL. Papa Francisco aos evangélicos pentecostais: estamos no caminho da unidade. *ACI Digital*, 29 jul. 2014. Disponível em: <<https://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco->

[aos-evangelicos-pentecostais-estamos-no-caminho-da-unidade-96495](#)>. Acesso em: 16 jan. 2016.

ALENCAR, Gedeon Freire de. **A Igreja católica e as assembleias de Deus no Brasil** [jan. 2016]. Entrevistador: André Luís da Rosa. Criciúma, 2016.

_____. Igreja católica e assembleias de Deus: diálogo ecumênico seria uma relação do pescoço com a guilhotina? In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). **Pentecostalismo e unidade**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 119-131.

_____. Prefácio. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). **Pentecostalismo e transformação social**. São Paulo: Fonte Editorial, 2008. p. 15-17.

CIPRIANI, Gabriele. O ecumenismo na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Caminhos de Diálogo**, Brasília, ano 1, n. 1, p. 79-87, set. 2013.

COMBLIN, José. **O Espírito Santo e a libertação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FILHO, José Bittencourt. **Por uma nova teologia latino-americana: a teologia da proscrição**. São Paulo: Paulinas, 1996.

GALVAN, Kelen. Bispo evangélico grava mensagem com papa Francisco. **Canção Nova**, 21 fev. 2014. Disponível em: <<http://papa.cancaonova.com/bispo-evangelico-grava-mensagem-com-papa-francisco/>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

FRANCISCO. **Exortação apostólica Evangelii gaudium**. 2. ed. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

LIMA, Adriano Sousa. Os desafios institucionais para a unidade dos pentecostais. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). **Pentecostalismo e unidade**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 45-53.

LOPES, Leiliane Roberta. Papa recebe pastores pentecostais no Vaticano. **Gospel Prime**, 12 maio 2015. Disponível em: <<https://noticias.gospelprime.com.br/papa-pastores-pentecostais-vaticano/>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA BRASIL. Papa Francisco: A Renovação Carismática é uma corrente de graça para a Igreja. **Renovação Carismática Católica Brasil**, 2 jun. 2014. Disponível em: <<https://www.rccbrazil.org.br/espiritualidade-e-formacao/palavra-do-papa/1232-papa-francisco-a-renovacao-carismatica-e-uma-corrente-de-graca-para-a-igreja.html>>. Acesso em 19 dez. 2015.

WOLFF, Elias. As possibilidades de reforma na Igreja no contexto do pontificado do papa Francisco. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, ano 30, n. 1, v. 70, p. 73-98, mar./jun. 2015. Disponível em: <<https://revista.facasc.edu.br/ret/article/download/74/67>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

_____. O ecumenismo no horizonte do Vaticano II. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, ano 15, n. 39, p. 403-428, set./dez. 2011. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/2040_6/20406.PDF>. Acesso em: 20 jun. 2018.